

Mestre em Educação:
Psicologia da Educação
Unitau/Anhanguera
Email:
am-calil@bol.com.br

WALLON E A EDUCAÇÃO: uma visão integradora de professor e aluno

Correspondência:
Address:
Av: José Felipe
Cursino de Moura,
367
Vila Aparecida -
Taubaté - SP
Cep: 12052-090

WALLON AND EDUCATION: an integrated view of the teacher and the student

Ana Maria Gimenes Corrêa Calil*

Resumo

A teoria psicogenética de Henri Wallon constitui a base conceitual escolhida para referenciar este estudo, porque, ao trazer contribuições para a compreensão do desenvolvimento dos seres humanos, oferece conceitos e princípios relevantes para o entendimento da totalidade da pessoa e do papel dos professores em sala de aula. O texto contempla primeiramente a teoria psicogenética walloniana sobre o indivíduo, relacionando os domínios que o compõem; ressalta numa próxima instância a relação Eu-Outro na formação do indivíduo e, conseqüentemente, na formação do professor. Ressalta a seguir a relação entre Wallon e a educação e, por último, mas não menos importante, revela a presença dos domínios afetividade, cognição, ato motor e pessoa, no cotidiano do professor.

Abstract

Henri Wallon's psychogenetic theory constitutes the conceptual basis chosen as the framework for this study, because, by bringing contributions for an understanding of human development, it offers important concepts and principles for understanding a person as a whole, and the teacher's role in the classroom. Firstly, the text focus on the Wallon's psychogenetic theory of the individual, outlining the domains that comprise it; it then goes on to emphasize the Me-Other relationship in the making of the individual, and consequently, that of the teacher. It then outlines the relationship between Wallon and education, and last but not least, it shows the presence of the domains of affection, cognition, motor act and person, in the teacher's everyday lives.

Artigo recebido em:
19/06/2007
Aprovado em:
02/07/2007

Palavras-chave

Educação; Teoria walloniana; Relação professor-aluno

Keywords

Education; Wallonian theory; Teacher-pupil relationship.

A teoria psicogenética de Henri Wallon constitui a base conceitual escolhida para referenciar este estudo, porque, ao trazer contribuições para a compreensão do desenvolvimento dos seres humanos, oferece conceitos e princípios relevantes para o entendimento da totalidade da pessoa e do papel dos professores em sala de aula.

Ao considerar o indivíduo na sua totalidade, isto é, considerar igualmente os aspectos afetivo, cognitivo e motor na constituição do indivíduo, Wallon propõe a superação de uma visão de homem dicotomizada, razão/emoção, permitindo-nos reconhecer a função integradora dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Outro aspecto determinante para a escolha desse referencial teórico diz respeito ao fato de que, para Wallon, Psicologia e Pedagogia são campos inseparáveis. O autor percebe a Pedagogia como aliada a Psicologia, e não apenas um campo de aplicação desta última, o que torna sua teoria adequada a uma proposta que tem como contexto a sala de aula. É uma teoria atual, na medida em que valoriza o indivíduo, a educação, o professor, a cultura e as relações sociais na formação do aluno, com destaque para a formação de valores morais e coletivos a serem desenvolvidos pela escola.

O texto, que ora apresentamos, contempla primeiramente a teoria psicogenética walloniana sobre o indivíduo, relacionando os domínios que o compõem; ressalta numa próxima instância a relação Eu-Outro na formação do indivíduo e, conseqüentemente na formação do professor. Ressalta a seguir a relação entre Wallon e a educação e, por último, mas não menos importante, revela a presença dos domínios afetividade, cognição, ato motor e pessoa, no cotidiano do professor.

A psicogenética walloniana

A teoria psicogenética de Wallon visa estudar a pessoa completa, considerada igualmente em seus domínios afetivos, cognitivos e motor e em suas relações com o meio. “Os domínios funcionais entre os quais se dividirá o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa. (WALLON, 1995, p. 135).

A partir dessa visão integrada do indivíduo, Wallon procura evidenciar os elos estabelecidos entre estes domínios funcionais, nos diferentes momentos do desenvolvimento humano, o que caracteriza cada um dos seus estágios como um sistema em si, em que a pessoa completa é o resultado desta integração e constitui um conjunto, uma unidade indissociável e única, a qual a pedagogia não pode tratar de forma fragmentada. O processo de desenvolvimento caracteriza-se por um movimento contínuo, isto é, de transformações constantes ao longo da vida.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 1995, p.215)

Partindo desta perspectiva psicogenética, a teoria walloniana apresenta enfoque interacionista, ou seja, todos os aspectos do desenvolvimento são decorrentes da interação de fatores orgânicos e sociais, e é nessa interação que o indivíduo se constitui.

O desenvolvimento é considerado por Wallon como um processo que está sempre em aberto, nunca acabado e, portanto, implicando movimentos e constantes crises e conflitos. As condições orgânicas, em todo ser humano, colocam-no à disposição para interagir com o meio social e físico. Por outro lado, os meios social e físico impõem exigências a que o indivíduo necessita corresponder para garantir sua sobrevivência e sua adaptação a ele. Os meios físico e social, concomitantemente, também oferecem recursos para que essa adaptação aconteça, o que evidencia a relação recíproca e complementar entre o social e o orgânico. “Deste modo, na criança, opõem-se e implicam-se mutuamente, fatores de origem biológica e social” (WALLON, 1995, p.49).

Para estudar o desenvolvimento humano, Wallon identificou diferentes estágios pelos quais passa o indivíduo, desde o seu nascimento até a idade adulta. Tais estágios caracterizam-se por um conjunto de interesses, necessidades e comportamentos e são sucessivos, numa determinada ordem: uma etapa já vivida cria condições, preparando as mudanças para a próxima que se anuncia. Na seqüência dos estágios, Wallon aponta para a existência de três leis que regulam essa sucessão. A lei da alternância funcional, como o próprio nome indica, prevê alternância na direção que as formas de atividades tomam na sucessão dos estágios: em alguns momentos o movimento do desenvolvimento se dá rumo ao conhecimento de si (centrípeto) e, em outros, para o conhecimento do mundo exterior (centrífugo).

Do mesmo modo que se observa uma aproximação entre a *alternância* da direção do desenvolvimento e a *preponderância* de um dos domínios funcionais num mesmo estágio, que corresponde à segunda lei determinada por Wallon, observa-se também uma relação entre os estágios anteriores e subseqüentes de forma hierarquizada. As atividades inauguradas a cada novo estágio não suprimem as anteriores, mas as integram, num permanente processo de diferenciação. Trata-se aqui da “lei da *integração* funcional”: dá-se uma reorganização qualitativa dos conjuntos afetivo, cognitivo e motor que resultam em diferentes configurações que irão conferir à pessoa um jeito próprio de existir e atuar em cada etapa do desenvolvimento.

O conceito de pessoa é utilizado por Wallon (1995) para se referir ao domínio funcional, que é resultado da integração dos outros três: afetividade, conhecimento e ato motor. Trata-se de um conceito genérico e abstrato, referente àquilo que a espécie humana tem de comum e que pode ser compreendido a partir da lei da integração funcional. Considerando-se as múltiplas configurações que dessa integração podem surgir, cabe ressaltar que o desenvolvimento acontece em meio a instabilidades, conflitos, incertezas, oposições, movimentos de fluxos e refluxos, não se dando de forma linear e contínua e sempre num palco de negociações com o Outro.

A importante relação Eu-Outro

Na teoria psicogenética de Wallon, a construção do Eu depende essencialmente do Outro. Esta relação Eu-Outro é, ao mesmo tempo, de acolhimento e de

oposição, e está sempre presente ao longo da vida, constituindo, assim, o mundo psíquico do indivíduo. Para Wallon, o homem é geneticamente social, ou seja, desde o seu nascimento necessita do Outro para se desenvolver e, dessa forma, humanizar-se. “O indivíduo [...] é essencialmente social. Ele o é, não em virtude de contingências externas, mas devido a uma necessidade íntima. Ele o é geneticamente”. (WALLON, 1986, p.164)

O homem, no início de sua vida, não se diferencia do meio que o cerca. Indiferenciado, o bebê percebe-se fundido nos objetos e nas situações familiares, misturando-se aos outros. É o que Wallon (1986) chama de sincretismo, para designar as confusões e misturas a que a criança está submetida. O processo de diferenciação vai acontecendo ao longo do desenvolvimento, e o papel do Outro, nessa diferenciação, é fundamental e indispensável.

É nessa dinâmica, ao mesmo tempo, complementar e antagônica, que se faz presente o par dialético Eu-Outro. É nessa interação que o indivíduo se constitui.

É possível afirmar que, não só a criança, mas também os adultos, se vêm às voltas com a questão de estabelecer os limites entre o Eu e o Outro, o que pode gerar uma tensão inter e intrapessoal, uma vez que os conflitos acontecem e se expressam, não só nas relações entre as pessoas, mas também no interior de cada uma delas.

Ao Outro internalizado Wallon dá o nome de “[...] sócius”, referindo-se ao outro íntimo, que mantém com o Eu, um diálogo interno, uma mediação com o mundo externo. Esse Outro interior que trazemos em nós pode ser considerado um duplo Eu ou um companheiro permanente do Eu que irá exercer o papel de intermediário entre o mundo interior e o exterior. O sócius traz em si o contexto cultural e simbólico presente no meio, e, sendo referência para o Eu, determina-lhe regras e imposições sociais. (BASTOS e DÉR, 2002).

O Outro na constituição da pessoa do professor

No processo de constituição de sua pessoa, também se constitui o seu papel de professor, e esse processo está sempre em movimento, sempre em alteração, na interação com o Outro.

São vários os “Outros” que surgem ao longo desse processo. O Outro-aluno, talvez o principal, para que ocorra o processo ensino-aprendizagem, é quem reconhecerá ou não a autoridade do professor, quem o classificará como bom ou mau, mediante critérios que julgar fundamentais e que, também são apontados por Cunha (2002) , como sendo o domínio do conteúdo, o exercício da afetividade, o bom humor, etc.

Há também o Outro-colega professor que o trata com respeito, que o valoriza como indivíduo e como profissional, que é capaz de abrir-se para trocas de idéias, que discute ou conversa na hora do intervalo, ou simplesmente não faz nada disso, estabelecendo apenas uma relação superficial de cumprimentos.

O Outro-diretor que, assim como o colega professor, o respeita, acolhe suas dúvidas e ouve suas necessidades, apóia-o quando é preciso, ou então, apenas o trata como mais um, sem lhe dar importância como indivíduo, como membro de sua escola e de sua equipe, como viabilizador das metas estabelecidas pela escola.

O Outro-família dos alunos, parte muito importante na relevância do papel do professor, parceira na constituição do meio onde crescem os alunos.

O Outro-governo, responsável pelas políticas públicas, pelas reformas escolares que geram mudanças na sala de aula do professor. Este, por sua vez, não é consultado e nem ouvido na elaboração das sempre “novas” propostas governamentais de educação. Assim que se adapta a uma reforma, o professor já precisa encarar uma outra que desfaz o que foi feito, o que o deixa sem rumo.

Há ainda o Outro-família do professor, com a qual convive, num conjunto de relações interpessoais de natureza diferente das relações profissionais.

O Outro-sócios íntimo, com os quais ruminam suas posições, ensaiam simbolicamente os resultados de suas decisões.

Nessas relações com o Outro é que se dá a aprendizagem, um processo contínuo que dura a vida inteira e que possibilita a constituição do meio físico e humano. Mahoney (2003) afirma que a aprendizagem ocorre quando nos transformamos ao nos relacionarmos com o outro. Dessa forma, é possível vislumbrar o quanto o professor é importante na formação de seu aluno e vice-versa, na transmissão dos valores e no desenvolvimento de sua humanização.

Os conceitos de meio e grupo também estão presentes nessa dinâmica relacional Eu-Outro, complementos indispensáveis para a compreensão do ser humano. Na concepção de Wallon, meio e grupo são conceitos distintos, porém conexos entre si. “Meios e grupos são noções conexas que podem, às vezes, coincidir, mas são distintas. O meio nada mais é do que o conjunto mais ou menos durável de circunstâncias nas quais se desenvolvem existências individuais”. (WALLON, 1986, p. 170)

Os grupos possuem formas diversas e particulares de se organizarem. Para ele, a composição dos grupos é definida pelos objetivos, pela atribuição de tarefas inerentes a eles. Ao longo da vida, cada indivíduo participa de vários grupos, vivenciando papéis, correspondendo ou não às expectativas desses grupos, aprendendo a agir, conhecendo suas possibilidades e limitações. Os grupos são, para cada um, referências que possibilitam viver experiências imprescindíveis para o desenvolvimento, para a diferenciação e autonomia. É no grupo que acontecem as relações interpessoais, que se adquire a consciência de si e dos outros, que se apropria da cultura, que se aprende valores, enfim, é no grupo que o indivíduo se humaniza. O homem é um ser essencialmente social.

Por ser esta relação indivíduo-meio de fundamental importância para o desenvolvimento humano, Wallon (1986) declara que não se pode analisar ou conhecer o homem fora de seu contexto de existência. O meio constitui o indivíduo, fazendo dele um ser datado e contextualizado.

Nesse processo de relação indivíduo-grupo estão presentes concordâncias e discordâncias, entendimentos e conflitos, e as buscas por interesses individuais e coletivos são momentos complementares.

Assim acontece na sala de aula, o grupo de alunos revela ao professor quem ele é, como ele é, atendendo ou não as suas expectativas. O professor, por sua vez, orienta, dita o ritmo, se envolve com seus alunos e nessa mescla de domínios – cognitivos, afetivos, motores e de pessoas - são constituídos os indivíduos, as relações pedagógicas e interpessoais entre o Eu do aluno e o Outro professor, entre o Eu professor e o Outro aluno, entre os próprios alunos.

Esses pares dialéticos configuram o grupo dentro da sala de aula. As classes diferentes entre si, exigem posturas específicas do professor que assume em cada uma delas, em que entra, a singularidade das relações,

as instabilidades emocionais a que estão submetidos professores e alunos no decorrer da aula, uma vez que são universos complexos e individualizados, que acabam por provocar na ação docente, tomadas de decisões circunstanciais, imprevisíveis, às vezes negociadas, outras vezes com a presença de conflitos.

Na sala de aula são inventadas e reinventadas as relações que ora exigem do professor domínio, ora cuidado, ora solidariedade, ora espírito de grupo, ora solidão.

Portanto, nessa profissão em que o fazer e o refazer estão sempre presentes, não se pode dar o cunho de rotineira, pois é nesse emaranhado de sentimentos, relações cognitivas e movimento que permeiam o dia a dia na sala de aula, que fazem da profissão docente um constante aprendizado, seja ele afetivo, cognitivo ou motor.

E, ao fazer da docência um exercício que estabelece vínculos entre solidariedade e conhecimento, razão e emoção, singularidade e pluralidade que, ambos, professores e alunos são chamados a trabalhar e serem considerados em sua integridade.

Wallon e a Pedagogia

Embora não tivesse elaborado nenhuma teoria pedagógica, Wallon sempre demonstrou muito interesse pela pedagogia. Escreveu vários textos sobre educação e presidiu a comissão que criou o projeto de reforma para o ensino do francês, denominado Plano Langevin-Wallon de Reforma de Ensino. (ALMEIDA, 2002)

Wallon apreciava a proposta de trabalho de dois educadores, principalmente, que mantinham, na opinião do autor, a visão integradora da criança, bem como a educavam para superar a oposição entre indivíduo e sociedade. São eles: Decroly e Makarenko.

O Plano Langevin-Wallon (1947) previa uma educação que contemplasse a todos, independente de etnia, religião ou posição social e desenvolvesse em cada um suas aptidões, oferecendo ao aluno condições para desenvolver-se intelectual e moralmente. (MAHONEY, 2002)

A proposta do Plano Langevin-Wallon, contemplava a democratização do ensino, a transmissão de valores como a justiça, por exemplo, que “serve o interesse coletivo ao mesmo tempo em que o bem-estar individual”. (MERANI, 1977, p. 178). A proposta traz um sistema educacional dividido em ciclos, orientações profissional, seções de aperfeiçoamento para os deficientes intelectuais, para os deficientes sensoriais, prevê a formação dos professores e relata a importância da Educação Moral e Cívica como formadora do homem e do cidadão. Valorizava as aptidões individuais na intenção de utilizá-las, com a maior precisão possível, determina a orientação escolar primeiro e, em seguida, a orientação profissional.

Em relação à educação, a proposta humanista de Wallon, destaca três pontos imprescindíveis sobre a escola:

1. a ação da escola não se limita à instrução, mas se dirige à pessoa inteira e deve converter-se em um instrumento para seu desenvolvimento: esse desenvolvimento pressupõe a integração entre as dimensões afetiva, cognitiva e motora;
2. a eficácia da ação educativa se fundamenta no conhecimento da natureza da criança, de suas capacidades, necessidades, ou seja, no estudo psicológico da criança;
3. é no meio físico e social que a atividade infantil encontra as alternativas de sua realização; o saber escolar não pode se isolar desse meio, mas sim, nutrir-se das possibilidades que ele oferece. (ALMEIDA, 2002, p. 32)

Para Wallon, a função da escola é promover o desenvolvimento do aluno trabalhando com qualidade e competência, por meio de um ensino democrático que dê oportunidades iguais a todos, valendo-se, para isso, de estratégias diferenciadas, fornecendo-lhes formação integral.

A integração entre os domínios na ação do professor

São os sentimentos dos professores que impulsionam suas buscas, assim como a importância que atribuem aos alunos é que os move a buscar novas estratégias de ensino. Os professores, enquanto seres humanos,

em alguns momentos se sensibilizam com seus alunos, ensinam a eles, promovem-nos e, em outros momentos, irritam-se com seus comportamentos e são impulsionados a buscar soluções razoáveis, racionais.

O professor deve dar o exemplo de corticalização, sensibilizar-se com o comportamento do seu aluno e, ao mesmo tempo, racionalizar as emoções em prol dos conteúdos a serem trabalhados. Ele (o professor) esforça-se para compreender ou deveria compreender seus alunos.

A emoção, tanto quanto a razão, é provocadora da ação do professor, seja ela uma saída, seja uma forma diferente de solucionar os vários e diversos embates provocados por situações indutoras internas ou externas à sala de aula.

Wallon (1986, p. 146) aponta o papel das emoções na vida social e faz relações com a vida intelectual:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual.

Falar sobre a pessoa do professor é considerar que ele precisa saber lidar com seus ganhos cognitivos, suas conquistas afetivas e suas necessidades motoras, e não há melhor exercício para seu desenvolvimento do que a prática e a reflexão sobre essa prática na sala de aula. Como profissional docente, possui uma identidade, uma formação, enquanto ser individual, que se traduzem como resultado de suas interações com o meio, dos conflitos e das concordâncias sociais, cujos domínios funcionais da cognição, afetividade e motor estão sempre presentes. Segundo explica Mahoney (2004, p. 18), “[...] a dimensão cognitiva é responsável pela aquisição, transformação e manutenção do conhecimento, permite fixar e analisar o presente, registrar, rever, re-elaborar o passado e projetar futuros possíveis e imaginários [...]”, contribuindo dessa forma para a constituição da pessoa.

O cognitivo do professor é constantemente provocado, pois ele tem que elaborar seu pensamento de modo a estimular o pensamento de seu aluno, problematizando o conteúdo, explicando-lhe procedimentos, fatos e, principalmente, valores. Para tanto, deverá ter boa preparação, bom planejamento estratégico, capacidade de observação bastante aguçada.

Espera-se que, no adulto, a afetividade esteja mais equilibrada, a fim de neutralizar ou orientar os impulsos das emoções a que estão expostos adultos e crianças, numa sala de aula. E conforme Mahoney (2004):

É no entrelaçamento com o motor e o cognitivo que o afetivo propicia a constituição de valores, vontade, interesses, necessidades, motivações que dirigirão escolhas, decisões ao longo da vida. (p. 18)

A dimensão motora “oferece as funções responsáveis pelos movimentos das várias partes do corpo que, ao se combinarem, constituem o ato motor, que é um dos recursos mais organizados e preponderantes para o ser humano atuar no ambiente” (MAHONEY, 2004 p. 16).

É o motor que coloca a pessoa na situação concreta do momento presente, que oferece a estrutura para que as emoções e os sentimentos sejam expressos, que une os indivíduos entre si e que se torna recurso privilegiado para a construção do conhecimento. Sendo assim, o movimento tem extrema importância para a prática docente; é imprescindível para estreitar o relacionamento com os alunos. Quanto não se descobre dos alunos, quando são observados com maior proximidade? Esse movimento tem também implicações afetivas, pois chegar perto do aluno gera modificação emocional, que é revelada pela própria fisionomia e plasticidade do professor, bem como do aluno, em sentir-se mais valorizado por essa aproximação.

Pinheiro (1995, P. 165) afirma que “[...] é na sala de aula que, diariamente, o professor exerce sua prática, seleciona conteúdos, passa posições políticas e ideológicas [...] transmite e recebe conhecimentos, valores e afetos”. Essa interação entre professor e aluno, quando planejada de maneira consciente, resulta em benefício para o processo ensino-aprendizagem.

Mahoney (1993, p. 68) afirma que:

[...] a criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas possibilidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser.

A pessoa, que constitui a quarta dimensão e integra as demais, forma a unidade do ser, desenvolvida pelo movimento constante da personalidade que se forma de acordo com a cultura de seu ambiente.

Considerações finais

É preciso considerar, ainda, que o professor, antes de ser um profissional, é um indivíduo com anseios, sonhos, valores, interações pessoais que foram constituídos em seu meio desde a infância e que deixaram marcas em sua identidade.

Wallon dá muita importância à formação do professor, visto que, como adulto, é capaz de voltar-se para fora de si e em condições de acolher o outro solidariamente e continuar a desenvolver-se com ele. (MAHONEY, 2004).

O desenvolvimento nunca termina; pelo contrário, a aprendizagem faz com que se aprimorem as diferenças, refina o olhar, sempre levando a desenvolver a unidade entre os domínios que compõem a pessoa. Com o professor não é diferente. Hoje, sendo adulto, já foi também uma criança, passou por experiências que seus meios físico e social puderam lhe proporcionar. Espera-se que agora tenha uma visão mais clara de si, de sua identidade pessoal e profissional, de suas expectativas, realizações e valores. A expectativa é que o adulto tenha atitudes corticalizadas, sensatas e solidárias para com os alunos com os quais convive, valendo-se das várias ciências da educação como suporte para sua trajetória profissional, esperando e proporcionando aos alunos oportunidades de crescimento e aprendizagem dentro das possibilidades permitidas pela fase do desenvolvimento em que se encontram no momento.

Referências

- ALMEIDA, L.R. “ **Wallon e a educação** “. In: ALMEIDA, L.(org.) e MAHONEY, A.A. (org.). **Henri Wallon - Psicologia e Educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2ª edição, 2002.
- BASTOS, A.B.B.I. & DÉR, L.C.S. Estágio do personalismo. In MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. (org), **Henri Wallon, psicologia e educação**. SP: Edições Loyola, 2002.
- Cunha, M. I. **O bom professor e sua prática**. Campinas, Sp: Papirus Editora, 14ª edição, 2002.
- MAHONEY, A. A. In MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. (org), **Henri Wallon, psicologia e educação**. SP: Edições Loyola, 2002.
- _____. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista**.

Temas em Psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia, SP, 1993, nº 3, p. 67-72.

_____. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, Abigail A. e ALMEIDA, L.R. (org). **Ser professor na proposta de Henri Wallon.** SP: Edições Loyola, 2004.

MERANI, A.L. **Psicologia e Pedagogia - as idéias de Henri Wallon.** Lisboa, Portugal:Editorial Notícias Lisboa, 1977.

PINHEIRO, M. M. . **Emoção e afetividade no contexto da sala de aula:** concepções de professores e direções para o ensino. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança.** Trad. Dores Sanches Pinheiros e Fernanda Alves Braga. São Paulo: Manole, 1986.

_____. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Portugal:Edições 70, 1995.

WEREBE, M.J.G.& BRULFERT, J.. **Henri Wallon.** São Paulo: Ática, 1986.